

# Memória dos Matemáticos no Brasil e o Ciberespaço

Diogo Franco Rios  
André Luís Mattedi Dias  
Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências  
Universidade Federal da Bahia  
Universidade Estadual de Feira de Santana

## INTRODUÇÃO

Ante a evolução e o uso difundido dos meios de comunicação e informação, mais especificamente da internet, com sua velocidade e capacidade quase infinita de armazenamento de dados, a memória coletiva e algumas práticas ou rituais usados pelas corporações e grupos para a perpetuação de suas tradições tais como, a produção de lugares de memória, passam por um processo de remodelação em função da necessidade de acompanhar as transformações ocorridas na sociedade como um todo, impostas pela adoção de novos hábitos adquiridos pelo uso dessas tecnologias, que propõem uma nova perspectiva de espaço/tempo.

As práticas de memória no interior dos grupos, com o papel que desempenham na perpetuação de seus valores é uma questão já bem discutida no âmbito da história, ficando clara a importância que possuem para própria manutenção da corporação, que continua a existir nos novos membros que se agregam e para os quais, de algum modo, precisa transmitir aspectos da identidade grupal.

Este trabalho pretende então, realizar uma análise inicial a respeito de como certas práticas de memória se modernizaram no interior dos grupos, adequando-se às mudanças impostas à sociedade pelo uso da internet e discutir ainda algumas das novas questões que surgiram com essa atualização. A análise será realizada examinando especificamente a corporação dos matemáticos no Brasil, que atuam alocados basicamente em departamentos de instituições de ensino superior, ou em institutos de pesquisa dessa ciência, escolhendo dois casos desse grupo para investigar: o Departamento de Matemática da Universidade Federal de Pernambuco (DMAT/UFPE), e o IMPA (Instituto de Matemática Pura e Aplicada).

Uma definição que será muito importante para o desenvolvimento da discussão aqui proposta é a dos *Lugares de Memória*<sup>1</sup> estabelecida por Pierre Nora, na qual os descreve

---

<sup>1</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto história. História & cultura*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

como uma estratégia de recuperação, pelo menos em parte, das memórias dos grupos, em muito perdidas pela velocidade e historicificação das culturas e sociedade. Tal conceito levanta uma série de questões relacionadas às práticas que os grupos ou categorias de indivíduos realizam, na sociedade contemporânea, numa tentativa mais ou menos consciente de atualizar o passado, pelo uso da memória.

Com o uso disseminado da internet, que é o caso que interessa a esse trabalho, diversos setores da sociedade, instituições e grupos submeteram-se a um processo de virtualização, numa tentativa de acompanhar outro processo já bem desenvolvido, o de globalização, no qual se deseja estar integrado a uma espécie de aldeia global, onde seria possível a interação dos membros de quaisquer pontos, por mais afastados que se encontrassem. A internet, entre outros meios, serviria como esse recurso, favorecendo essa aproximação de maneira virtual. “A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.”<sup>2</sup>

Os lugares de memória também se virtualizaram, podendo ser acessados virtualmente pelos membros do grupo, diretamente preocupados em tê-los disponíveis, por servirem como elemento fortalecedor de seus laços e identidade, como também por qualquer outro grupo ou indivíduo que de alguma maneira possa se interessar por seu conteúdo. Com isso, os lugares de memória passam a assumir também características próprias do ciberespaço, esse lugar que não é lugar, não possuindo mais um referencial geográfico definido, mas que agora se encontra disponível, numa outra medida de acessibilidade e a partir de outros meios que não o presencial.

A partir do momento que se virtualiza (mesmo que a matriz real permaneça), não estão mais situadas precisamente. Sua posição geográfica torna-se dispersa e perde significado. Embora haja um endereçamento eletrônico na Web, ele será mero caminho transitório de posição indefinida e múltipla. Estará lá, em qualquer lugar ciberespacial de onde for requisitado. (...) Quando uma entidade se virtualiza, torna-se, portanto, desterritorializada e não-presente – fatos que não questionam sua existência.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In M. Dênis de (Org.), *Por uma Outra Comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 287.

<sup>3</sup> GODOY, Karla Estelita. Ciberespaço e memória. In: COSTA, Icléia Thiessen Magalhães e ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (orgs). *Memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. p. 50.

E, a memória que “(...) se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (...)”<sup>4</sup> tende a manter-se ligada a esses elementos, que agora encontram-se digitalizados, armazenados em sites e distribuídos na internet.

A memória que interessa a este trabalho não se refere à memória “(...) da máquina, que permite conservar informações codificadas sob a forma de elementos binários para uso posterior. Basta acessá-la para virem à tona todas as informações tais como armazenadas”.<sup>5</sup> Tomaremos a “memória informacional” apenas como uma base de dados que pode disponibilizar aos grupos que dela fazem uso, a possibilidade de expor suas representações, suas memórias num novo meio, acessível e que possa ser alcançado por um sem número de pessoas que, de outro modo, precisariam fazer ao menos visitas a tais institutos, ou estabelecer contato com seus membros caso quisessem encontrar esses vestígios, mas que agora se encontram facilmente disponíveis na rede mundial de computadores, através da internet.

## **LUGARES DE MEMÓRIA E O CIBERESPAÇO**

Discutiremos nesse trabalho basicamente duas principais questões pertinentes à relação entre a internet e os lugares de memória. Um primeiro ponto que nos interessa discutir é a relevância dos lugares de memória proposto por Nora, que afirma que sua existência está associada à ausência de uma memória espontânea: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque essas operações não são naturais.”<sup>6</sup> E, nessa perspectiva, o termo “lugar de memória” não estaria apenas vinculado a uma referência material, como um depósito de arquivos, podendo ser simbólico ou funcional, como por exemplo, um minuto de silêncio ou um testamento. Ou seja, pode ser associado também a uma prática ou ritual realizado por um indivíduo ou corporação e, no caso da análise que propomos essa compreensão é até mais importante, o

---

<sup>4</sup> NORA, Ibid., p. 9.

<sup>5</sup> GODOY, Ibid., p. 51-52.

<sup>6</sup> NORA, Ibid., p. 13.

lugar de memória é uma prática ou um ritual de culto ao passado, num desejo de salvá-lo do esquecimento.

O que é mais relevante então, não é de que ordem, ou a qual modalidade de lugar de memória estamos nos referindo, mas ao fato que sua existência se deve à necessidade individual ou grupal de se fazer percebido, de registrar, de alguma maneira sua presença no mundo, na história, com o intuito de se fazer lembrar pelas próximas gerações. Sem esses resquícios dificilmente sua presença, com as contribuições que deixou, suas características e identidade seriam lembradas por muito tempo, em função da velocidade com que as mudanças ocorrem na sociedade atual e a quantidade de informações, as quais somente permitem que a memória coletiva se fixe em elementos mantidos em evidência.

[...] a passagem da memória para história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. [...] Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens.<sup>7</sup>

É a partir desses lugares de memória que os grupos têm a oportunidade de expor suas memórias, valores, identidade, suas características e fatos mais marcantes, e onde as novas gerações têm condições de aprender como, nos primórdios, ou simplesmente nas gerações ascendentes seus representantes atuaram, construíram tais valores e estabeleceram os mitos que lhes foram deixados. Estabelecendo-se aí uma espécie de elo de continuidade entre as gerações novas e as mais antigas, onde a memória, com seu caráter vivo, e em constante atualização, exerce o papel primordial na manutenção dessa identidade.

Como, então, passam a funcionar para os grupos ou instituições, os lugares de memória, que agora não possuem mais simplesmente uma localização determinada, como por exemplo, os antigos salões nobres, onde mantinham seus troféus, fotografias e objetos que remetiam às épocas de ouro e, de maneira privilegiada guardavam os arquivos e objetos de memória, que atestavam seus feitos, suas contribuições mais importantes e, a partir dos quais, sua tradição, seus valores e glórias eram transmitidos e cultuados pelas gerações mais novas que se formavam?

Como, dentro do ciberespaço, a corporação dos matemáticos, caso que nos interessa especificamente, defende o culto às vitórias, às suas memórias e as lembranças de seus membros mais antigos? Como os lugares virtualizados se prestam a disponibilizar esse

---

<sup>7</sup> NORA, Ibid., p. 17.

conjunto de restos, que se propõe a manter viva uma tradição, os traços de uma identidade que mantém unida, em torno de si, toda uma categoria de indivíduos?

Nos sites das instituições de ensino superior, em suas respectivas áreas, os departamentos de matemática, com seus colegiados, expõem, com certa distinção, em meio a informações referentes a fatos atuais, como por exemplo, a divulgação de resultados de pesquisa ou ainda organogramas de atividades, algumas narrativas relacionadas às suas trajetórias, apresentando nesse contexto, aspectos de sua identidade, na medida em que expressam a maneira como entendem a profissão, a matemática e a sociedade, na medida em que privilegiam alguns aspectos da ciência em detrimento de outros.

Ao fixar as narrativas de seu passado entre outros dados do presente ou ainda, associadas a eventos ou projetos para o futuro, a corporação tenta estabelecer uma forma de continuidade entre o passado dos matemáticos e da matemática daquela instituição com os projetos e discussões atuais, aproximando essas realidades e criando assim, um elo entre a identidade dos antepassados e a dos novos, que no presente e no futuro devem juntar esforços para fortalecer as tradições e valores construídos até então.

Podemos encontrar um bom exemplo disso na página do DMAT/UFPE, onde é possível localizar, entre os pôsteres de divulgação dos eventos a realizarem-se e as fotos da caloura a primeira colocada no vestibular e dos estudantes na biblioteca, um fragmento do diário de classe da disciplina geometria analítica e projetiva, oferecida pelo professor Manoel Perdigão do Carmo no curso de matemática da Faculdade de Filosofia de Pernambuco em 1954, além de um bloco de notas completo do professor Alfredo Pereira Gomes<sup>8</sup> sobre a teoria das funções, e ainda, fotos e textos referentes a matemáticos renomados que desempenharam um papel importante no passado da instituição, sem contar a própria narrativa da trajetória da matemática nesta instituição.

Ainda trazendo como exemplo do que foi afirmado acima, vale destacar outro elemento relevante nesse processo de que tenta associar a identidade do passado à identidade atual da instituição. Existe nesse departamento uma bolsa de estudos, intitulada Ruy Luis Gomes, oferecida ao primeiro colocado no vestibular. Na página que a divulga, junto às fotos dos últimos contemplados é possível acessar um breve histórico desse matemático português, destacando o importante papel que desempenhou no Instituto de Matemática da UFPE. Quer dizer, uma atribuição de mérito do presente associada a um nome de mérito do passado da

---

<sup>8</sup> Professor português que atuou na instituição de 1953 até 1961, quando foi indicado para fazer parte do conselho consultivo do Instituto Central de Matemática da recém fundada Universidade de Brasília.

instituição. Uma maneira de manter o passado vivo na memória e ao mesmo tempo valorizar, no grupo, alguns personagens do presente. Esses têm o privilégio de suas imagens serem postas ao lado de personagem tão ilustre.

Outro exemplo relevante é encontrado no site do IMPA, um depoimento do professor e pesquisador emérito da instituição, Elon Lages Lima, que conta sua trajetória associada à trajetória da instituição e, como esta foi encontrando alternativas para resolver as dificuldades que surgiram desde sua fundação, na tentativa de manter sua tradição de excelência e transmitir os valores que foram sendo construídos coletivamente ao longo do tempo. Uma idéia interessante é apresentada na narrativa das mudanças ocorridas na instituição, onde prefiguram como uma meta sempre presente de melhorar suas condições de funcionamento, com vistas ao futuro.

Tal elemento é relevante, pois que, tanto nesse depoimento quanto na narrativa do desenvolvimento da história da instituição, exposta em outra seção, a estrutura apresentada quando se referem à atualidade parece ser a personificação daqueles desejos propostos na narrativa do passado, como se no hoje se estivesse colhendo, com sucesso, os frutos de um longo período de trabalho árduo. Quer dizer, o passado trabalhou em função do futuro, e as memórias, aí expostas, expressam como as vitórias atuais, as conquistas do hoje possuem uma relação de dependência dos homens e dos esforços do passado, pondo-os num lugar privilegiado dentro do grupo.

Isso tudo não se conseguiu sem luta, sacrifício e até mesmo um pouco de sorte. A década final da era da Rua Luís de Camões presenciou a consolidação dos ganhos obtidos nos quatro primeiros anos e, no final, o empenho para conseguir a nova e definitiva sede atual, construída já nos últimos momentos da euforia econômica, às vésperas da recessão dos anos 80 novamente comprovando que a sorte freqüentemente premia aqueles que muito se esforçam.

Em 1981 nos mudamos para o Horto. Aqui temos o espaço, a amplidão, a paz bucólica da floresta, o conforto das instalações modernas e as condições de trabalho que nos permitirão seguir nosso caminho por anos e anos mais, mostrando que é possível existir no Brasil uma instituição científica de primeiro mundo.<sup>9</sup>

Ou seja, os lugares de memória no ciberespaço tornam-se, assim como seus representantes reais, o espaço da celebração, onde o culto à memória, é uma maneira bastante eficiente de atualizar o passado, a identidade dos grupos e os valores vividos que se deseja transmitir para as gerações seguintes que se agregam ao grupo em questão. A corporação dos matemáticos brasileiros encontra, então, nesse lugar/não-lugar exatamente a possibilidade de

---

<sup>9</sup> Trecho do depoimento do professor Elon Lages Lima disponível no site do IMPA:<[http://webold.impa.br/AboutImpa/Historico/historico\\_depoimento.html](http://webold.impa.br/AboutImpa/Historico/historico_depoimento.html)>

projetar suas lembranças e valores mais caros para o futuro, e de se fazer notar numa nova dimensão de registro, pelo hipertexto.

[...] no processo comemorativo um duplo movimento parece configurar-se. Ele consiste em “retirar o acontecimento passado [para] penetrá-lo nas realidades e nas questões do presente, cri[ando] a contemporaneidade e abolindo o tempo e a distância”<sup>10</sup>. [...] As comemorações buscam, pois, nessa reapropriação do acontecimento passado, um novo regime de historicidade, projetando-o em direção do futuro.<sup>11</sup>

Um outro tema que trataremos no que pese a discussão referente à memória, é o fato de que esta é seletiva. Tal ponto mantém-se relevante no contexto que nos interessa nesse trabalho, haja vista, nesse momento se firma uma diferença significativa entre a memória dos grupos estabelecida de maneira tradicional e aquelas expostas no ciberespaço.

A problemática da seletividade da memória é um elemento bastante familiar à teoria da história, apresentando questões fundamentais, como por exemplo, o papel do esquecimento e da comemoração na constituição de uma memória comum a uma coletividade, em busca de uma coesão que permita unir seus pares em torno de suas tradições. Contudo, essa coesão não se dá de forma natural, sem que se travem diversas disputas entre as memórias concorrentes e, uma espécie de processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais, sendo necessário, nesse processo de conformação das memórias, eleger aquelas que melhor se ajustam à memória coletiva que se quer construir e desprezar as que não servem para fortalecer certos traços da identidade. De modo que a memória coletiva esquece e lembra no mesmo movimento.<sup>12</sup>

Reconhecemos que a memória é sempre seletiva, o que não é diferente com a memória informacional; mas a questão aqui é que a memória dos grupos e dos indivíduos é marcada pela heterogeneidade e diversificação nas seleções, mediadas pelas mais diferentes naturezas, enquanto que, com a possibilidade oferecida pelas novas tecnologias, ela poderia tornar-se una, a partir da seleção daqueles que controlariam as tecnologias de recepção e distribuição de informações.<sup>13</sup>

Essa afirmação levanta uma discussão importante a respeito da seletividade da memória no ciberespaço, pelo fato de que ela acata apenas uma versão: a versão dos que controlam as novas tecnologias e, portanto, atende aos interesses e perspectivas apenas de

---

<sup>10</sup> THEIS, 1999 apud SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração / Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. 436 p.

<sup>11</sup> SILVA, *Ibid.*, p. 436.

<sup>12</sup> LOVISOLO, Hugo. A Memória e a Formação dos Homens. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.

<sup>13</sup> RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. *Cultura histórica e as novas tecnologias da informação*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2001. p. 25.

parte do grupo, favorecendo somente uma parcela de suas memórias, aquelas que são expostas, dadas a ler, nos diversos sites que as disponibilizam.

Nos dois sites que nos afixamos, tal seletividade pode facilmente ser percebida na medida em que ao descreverem suas trajetórias concentram-se em suas vitórias apresentando uma narrativa de evolução linear, não havendo espaço para controvérsias e muito menos para a exposição dos conflitos e disputas próprias de campo científico, onde grupos internos da corporação, com perspectivas particulares, têm seus apelos preteridos em relação aos interesses de outros setores.

Como este trabalho aborda especificamente a memória coletiva dos matemáticos, tomando os sites do IMPA e do DMAT/UFPE especificamente, não está sendo levado em consideração outros tipos de memórias também expostas na rede, as quais admitem uma maior flexibilidade na interferência dos dados expostos, admitindo inclusive que o sujeito anônimo exponha sua versão do passado, o que não acontece com tais sites, onde o acesso às modificações é mais fortemente controlado, ficando tal controle restrito a um pequeno grupo que o administra.

De maneira que, a memória virtualizada não deve ser entendida como neutra, ou que não possua intencionalidade por quem a produziu. Não deixa de ser uma representação pela qual o grupo se quer fazer reconhecer, um conjunto de signos através do qual a corporação se dá a ler. Podendo, num certo sentido, ser entendida como uma espécie de documento e, como tal, transporta uma gama de interesses subentendidos.

O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio, e o que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. Trata-se de um esforço das sociedades em construir certa imagem de si.<sup>14</sup>

Portanto, se deve olhar para essas representações da memória coletiva dos grupos expostas na internet, em seus hipertextos, sem esquecer que não se encontra aí espaço para a manifestação das vozes dos personagens anônimos, que numa perspectiva escrita de manifestação da memória grupal já teriam sérias dificuldades em ser “ouvidas”, muito mais

---

<sup>14</sup> LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento” In: ROMANO, Ruggiero (Direção). *Enciclopédia Einaudi. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997, pp. 95-123.

ainda quando se disponibiliza apenas uma espécie de versão final, passada a limpo, já caladas e resolvidas as questões sobre quais versões devem ser aceitas.

Além do fato da “memória virtualizada” privilegiar apenas a versão de parte do grupo, a questão da seletividade ainda mantém-se, e o setor da corporação que detém o controle do que será disponibilizado ainda precisa decidir quais características ou fatos serão considerados mais marcantes em detrimento de outros, é o trabalho de lembrar uns, e esquecer outros.

A discussão de várias outras questões que relacionam a memória dos matemáticos e da matemática no Brasil e a internet, com as adaptações que esta propôs aos grupos e instituições como um todo, alterando entre outras coisas, as suas práticas de memória, possui igual relevância e deverá oportunamente ser objeto de análise, no decorrer do desenvolvimento da minha pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In M. Dênis de (Org.), *Por uma Outra Comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255-287.
- GODOY, Karla Estelita. Ciberespaço e memória. In: COSTA, Icléia Thiessen Magalhães e ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (orgs). *Memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2002. p. 47-55.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento” In: ROMANO, Ruggiero (Direção). *Enciclopédia Einaudi. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997, pp. 95-123.
- LOVISOLO, Hugo. A Memória e a Formação dos Homens. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto história. História & cultura*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. *Cultura histórica e as novas tecnologias da informação*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2001.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração / Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.